

TRIBUNA ARTISTICA

Periodico semanal escripto e redigido por artistas

Rio de Janeiro.—Domingo 17 de Dezembro de 1871

Advertencia

ASSIGNATURAS

SEM SELLO

Sem condição a 200 réis por mez.

COM SELLO

Igual preço, mas nunca menos de dez mezes

Recebe-se qualquer artigo que esteja sob o nosso programma, endereçando-os seus autores á redacção na rua Nova do Ouvidor n. 20, para onde deve ser dirigida qualquer reclamação ou correspondencia.

Em Nictheroy, rua Direita da Conceição n. 55, assigna-se e encontra-se á venda.

Summario

A « PATRIA »

A GUARDA NACIONAL

COLLABORAÇÃO

ARTES

CHRONICA

LITTERATURA

TRIBUNA ARTISTICA

A «PATRIA»

Justamente orgulhosos por ver transcritos dous nossos artigos nas columnas do primeiro órgão politico brasileiro, a *Republica*, não deixaremos passar despercebidas as sensíveis palavras da redacção da *Patria*, que se acham no final deste artigo.

A lingua em imparcial e sizada desse ancião da imprensa da provincia do Rio de Janeiro, em cujas idéas, podemos dizel-o, bebemos as mais sinceras gottas do sentir sensato dos homens verdadeiramente independentes, são para nós as palavras do Christo animando com admiração a humanidade gasta na cohabitação da carne!

E como não ser assim?

Virados ao desprezo pelos injustos

servos do poder de uma nação em que todos os elementos moraes deveriam influir para confirmar a grandeza do systema constitucional, representativo tão afamado depois de comprehendermos ser inconveniente o estar estacionados ante os erros e os crimes dos homens menos escrupulosos dos partidos, emprehendermos a marcha em procura do progresso, vèrmos essa iniciativa secundada pelos esforços daquelles que reconhecem o limitado das forças e admiram a grandeza dos sentimentos, não é, não pôde ser, senão o mais grato incentivo de animação, e portanto de orgulho bem-entendido da parte de quem motiva.

Mas, infelizmente, no meio das suas palavras o erudito escriptor parece queixar-se do pouco cazo que fizemos da *Patria*, o qual foi devido sómente á falta de tempo possuido para ser dispensado ao tão elevado trabalho da imprensa, como é concebível; felizmente parece que está remediado o mal.

Aqui chegados aproveitamos uma das melhores occasiões para dirigirmos duas palavras aos jornaes da corte que receberam o primeiro numero da *Tribuna Artistica* (principalmente á *Republica* e á *Reforma*) que não se dignaram trocar connosco, não sabemos se por serem mais importantes, ou se por não sermos dignos delles; mas em todo cazo é bom perguntarmos-lhes: Qual a razão?

Temos concluido este artigo, e apresentamos aos nossos leitores a noticia a que nos referimos, publicada no n. 31 da *Patria*; eil-a:

« A *Tribuna Artistica*, modesto periodico ou órgão dos operarios, de cujo apparecimento na imprensa cortejá já demos noticia nesta folha, continúa com regularidade a publicar-se, aos domingos, na corte.

« O acazo permittindo que chegassemos ás mãos os ns. 2, 3 e 4º desse periodico, lemol-os, e, em abono da verdade e respeito á justiça, devemos dizer que esses numeros da *Tribuna* discutem os assumptos interessantes ás classes laboriozas de um modo digno, habil e positivo.

« Daremos em transcripção alguns de seus artigos.

« Os operarios não devem perder de vista e muito menos deixar de auxiliar efficazmente o trabalho do seu órgão na imprensa.

« A cauza do seu futuro reclama animação para tão util operario moral do jornalismo periodico. »

A GUARDA NACIONAL

Quando escrevemos no nosso primeiro numero algumas linhas respeito á guarda nacional deste ludibriado paiz, mal pensamos que depois poucos dias haviamos de registrar um facto de alta gravidade, praticado por pessoa a quem prezamos.

Mas que fazer se ante os deveres a que nos impomos na imprensa nenhum ha mais sagrado que elles, porque nenhum nos assoma ao espirito que esteja em tão elevado grão de importancia?

O criterio dos homens imparciaes e probos nos dispensa de dar resposta a esta pergunta, e o Sr. commandante da secção de artilharia da guarda nacional de Nictheroy ha de convir connosco que seus favores, por muito transcendentes que sejam, não nos impossibilitam de censurar seus actos publicos e pedir ao governo provincial ou geral a punição para o abuso que a pouca consciencia no cumprimento da ordem do governo provincial levou-o a manifestar no dia 10 do corrente.

Não se pense que pedimos desculpa ao Sr. commandante da artilharia, queremos unicamente concordar com S. S. no modo de se proceder perante o povo, unico autorizado pelo direito de razão a exigirmos conta.

Assim satisfeita a cortezia que demonstra respeito do cidadão ao cidadão, perguntamos a S. S. se foi ou não falta de consciencia no cumprimento da ordem do governo provincial a (que ordenou o aquartelamento de guardas da secção para o serviço da policia da provincia do Rio de Janeiro) quando os chamados cidadãos brasileiros não foram avisados para destacamento, mas sim para uma simples revista de duas ou tres horas?

Infelizmente esta pergunta não pôde obter resposta contraria á sua logica, assim como o facto não tem necessidade de ser commentado quando os avisos que temos á vista são a prova sincera do que não toleramos em nome dos infelizes sujeitos á vontade caprichosa de cidadãos dependentes do paternal governo que o pouco conhecimento dos nossos pais arvorou na abençoada, mas capora parte da America do Sul denominada Brazil, e ao qual, em respeito ás leis promulgadas, pedimos por mizericordia menos rigor na morte do sentimento moral do povo que divinamente representa, fazendo nesse sentido responsabilizar aquelles que, não sabendo a lei onde se basea um acto de seus superiores, sacrificam os individuos que acreditam seus escravos.

COLLABORAÇÃO

OS PROPRIETARIOS E OS TRABALHADORES

Já por vezes temos fallado dos direitos dos trabalhadores uzurpados pelos proprietarios ou gerentes de estabelecimentos de qualquer ordem ou natureza; hoje, porém, trataremos da posição mediocre dos uzufructantes e dos males de que também são soffredores.

A verdade não se deve occultar, embora contra nós seja. Os donos de estabelecimentos estão em symetria em paralelo com os artistas; elles soffrem os mesmos males, padecem da mesma molestia, e consequentemente estão sujeitos ás mesmas privações; não generalizo, tão sómente refiro-me áquelles que se compenetraram das necessidades dos empregados, e que dão valor e apreço aos seus trabalhos; mas, levados por força maior, obrigados pela posição critica de suas cazas, pelas dificuldades que encontram no movimento de seus estabelecimentos, são forçados a procederem irregularmente, não sendo uteis ou favoraveis áquelles que lhes são uteis e favoraveis.

E' para estes que eu chamo a attenção. E na verdade, bem sabemos quão difficil é o equilibrio de qualquer estabelecimento ou industria neste paiz de tanto luxo e de pouca extracção.

A' primeira vista parece haver contrariedade neste periodo; mas, racionando-se sensatamente e aprofundando-na realidade, conceberemos que tal não ha.

De tanto luxo, porque sentimos o roda dos carros, vemos o rigor das modas, a canalização dos tubos de companhias gigantescas, o movimento de empresas fluvias, etc., etc.

De pouca extracção, porque estas fazendas, estes materiaes empregados e consumidos, são fornecimentos estrangeiros: não se derivam do paiz consumidor.

Emana-se dahi o enfraquecimento, a debilidade dos estabelecimentos intenden tes a estes misteres.

Eis ahi a perdição dos proprietarios e a desgraça dos homens laboriozos.

E como poderão os proprietarios e taes estabelecimentos serem uteis e ceiros áquelles que lhes são uteis e sarios?

Collocados nesta posição marasmo, têm necessidade de seus estabelecimentos obras por um preço

insuficiente para remunerarem devidamente aos seus trabalhadores.

E se assim o não fizerem, lutarão com mais sérios embaraços, com mais sérias privações.

Os proprietários estão também sujeitos a nossos caprichos, às nossas vontades; e se entendermos por qualquer motivo prejudicá-los, os prejudicamos: ninguém melhor do que nós o poderemos ajuizar.

São males estes que se agglomeram a outros males já existentes.

O nosso sofrimento, a nossa ruína, não se deriva só dahi.

Surge dos pastores ou pastor que não ter procurado um trilho recto e sereno para conduzir o seu rebanho; antes tem envidado esforços para conduzi-lo em trilhos desconhecidos, pedregozos e medonhos, impedindo a marcha de um rebanho tão cordeiro.

Estes ou este são os verdadeiros cúmplices; a elles tudo devemos.

O brasileiro foi dotado de tudo que é invejavel no mundo, mas infelizmente não o foi de patriotismo!

A corrupção nasce de cima, como também nasce de baixo.

Niteroy, 12 de Dezembro de 1871.

OS ARTISTAS NO BRAZIL

TYPOGRAPHIA NACIONAL

O justo reclamo de compensação ao míngado salario, que outrora se dava e ainda se continua a dar aos artistas do paiz, iniciou-o a classe typographica em outra época. A colligação levantada pelos compositores do *Jornal do Commercio* e *Correio Mercantil*, no anno de 1857 e que tinha por alvo o diminuto augmento de 1\$ aos 4\$ que já percebiam nullificou-se, não pelos compositores, nem pelos proprietários desses estabelecimentos, mas sim pela Typographia Nacional que forneceu durante os dias da crise porque passou com a grêve typographica do *Jornal do Commercio* paginas de composição a este estabelecimento que por esse auxilio prestado pelo governo conseguiu reagir e supplantar a colligação dos typographos.

Não soffrendo o *Jornal do Commercio* alteração em sua marcha e vendo que podia dessa razoavel exigencia tirar partido para si vantajossissimo, adrede augmentou mais 500 réis aos 4\$ que percebiam os seus compositores, porém fez ao depois um augmento no preço das assignaturas.

Se a referida folha não encontrasse o auxilio altamente protector da Typographia Nacional chamaria por certo os seus compositores accedendo-lhes de prompto o exigido augmento.

E' para prova que os artistas no Brazil não tem a protecção que merecem do governo que faço recorrer esses acontecimentos.

Em honra do *Jornal do Com-*

mercio elle conservou esse augmento até hoje e não o diminuiu, como quanto ainda não satisfaça, como creio, a justa retribuição aos seus artistas.

Mais tarde fundou-se o *Diario Official*, e sendo uma folha do governo devia necessariamente ser a norma das outras folhas, retribuir melhor os seus compositores. Não acontece assim! Ao passo que um compositor do *Jornal do Commercio* percebe 4\$500, o do *Diario Official* tem unicamente 4\$000: accrescendo mais, que é obrigado a trabalhar pela manhã, fazendo uma tarefa de 40 linhas, que no *Jornal do Commercio* se paga na razão de 2\$500 além da que percebe á tarde o compositor desta folha.

Estes 500 réis que se tira do pobre typographo será quatinha avultada que sirva de grande auxilio ás necessidades do Estado!

Não é do governo que deve partir a iniciativa da boa retribuição? Não é das officinas do Estado que deve sahir o padrão dos preços ás classes que vivem do seu trabalho?

Onde a protecção dada áquelles que sacrificam a saúde e com ella as noites successivas de sua laboriosa existencia, velando ás vezes até prolongadas horas da noite para fazer jus a 4\$000?

A Typographia Nacional, em cujo estabelecimento se publica a folha do governo, não paga portanto em relação ao jornal de um particular, conclue-se d'ahi, que os governos do Brazil não protegem a classe dos artistas.

O que se dá em relação aos typographos do *Diario Official* e mesmo aos da Typographia Nacional, dá-se nos arsenaes e outros estabelecimentos em que trabalha a classe que contribue para a riqueza publica e prosperidade do paiz.

A classe dos typographos está também nesse cazo, deve merecer a attenção, porque ella é o auxiliar da instrucção—é o braço vigoroso da publicidade—a pena de que todos se prevalecem para reclamar justiça, prestar homenagem á verdade e diffundir por todos as classes sociaes as luzes da civilização e os prodigiosos inventos da humanidade.

Se ella não existisse eu não poderia reclamar dos poderes publicos da maneira porque o faço os interesses dos homens do trabalho, dos artistas.

Senhores do governo, a protecção dada ás classes menos acolhidas da fortuna é o incentivo, não só para augmento da riqueza publica, como também para que essas classes tenham amor ao trabalho.

Augmentando os salarios dos artistas e do povo levantando o imposto pessoal, evitaremos a miseria, creando, em seu lugar, fontes de riqueza publica.

Attendei aos operarios não só dos arsenaes como também de outros estabelecimentos.

ARTES

PEDRO AMERICO

DESCRIÇÃO DO QUADRO HISTORICO DA BATALHA DE CAMPO-GRANDE POR OCTAVIANO HUDSON

Ha na historia de todas as nações nomes que simplesmente enunciados, revelam factos de heroismo, ou trabalhos artisticos de inextinguivel concepção.

Em qualquer parte do mundo onde haja chegado a civilização, esses nomes são citados como typos, quer se trate de sciencias, quer de bellas-lettras ou da primorosa arte a que pertence o Dr. Pedro Americo.

Quando a historia patria celebrar de futuro os feitos gloriosos, os inventos de crescente progresso a que attingio o Brazil, e os arrojados commettimentos dos seus cultores d'arte, hade mencionar com louvor os nomes distinctos de todos os brasileiros que estão sendo hoje a gloria dos seus contemporaneos. Serão nesse cazo contemplados, na litteratura Magalhães, Porto Alegre, Jozé de Alencar, Macedo, Gonçalves Dias, Varella e outros; na arte dramatica João Caetano, Germano e Joaquim Augusto; na muzica os inspirados Carlos Gomes, Henrique de Mesquita e Santa Roza—Santa Roza que morreu desgostoso por ser mal compensado de tantos sacrificios e guerreado pela má vontade dos que invenjavam-lhe o talento; na estatuaría Chaves Pinheiro e Almeida Reis; na pintura de retratos Rocha Fragozo; na de paisagem Motta; na de marinhas e historia Victor Meirelles; e na grande pintura Pedro Americo, o inspirado idealista e celebre pintor de batalhas.

As nossas glorias militares exibidas no magestoso e impotente quadro da batalha de Campo Grande, onde o autor deixou em cada toque do seu ouzado pincel o cunho da originalidade que só sabem empregar os predestinados successores de Ticiano, Leonardo de Vinci, Raphael d'Urbino, Rembrand e Van-Dick, servirão para aureolar a fronte do pintor que as produziu com tão feliz successo.

Pedro Americo, quando não tivesse outros titulos, outros trabalhos que o notabilitassem, bastava apresentar a tela da — Batalha de Campo Grande — para firmar a reputação não só de artista, mais ainda de celebridade nesse genero de pintura bellico-historica que tão difficil se torna na execução, porque o pincel mais amestrado luta com innumerados embaraços, para vencer, umas vezes os variadissimos aspectos da natureza morta, outras a expressão da vida animada, e, finalmente, as peripecias tragicas de uma batalha.

Na harmonia cálida, na força da acção, nesse conjuncto de personagens agrupados em uma batalha, nos traços característicos da cor local, que muitas vezes escapa ao mais impertinente observador, é

fecundo o talento de Pedro Americo.

Ha bellezas nesse quadro tão esplendidas, toques de luz tão viva, phyzionomias tão expressivas de terror ou de varonil porte, mesmo de contemplação mystica, ou dolente configuração, que, cada figura de per si, cortada e exposta em mordura separada, constituiria a gloria de seu autor.

Deslumbrado pelo assombroso effeito de tantas maravilhas, de tanta intelligencia, a symetrica disposição, tive o arrojo, si não é atrevimento, de fazer um estudo sobre a tela de Pedro Americo, tomando figura por figura, accesorios e as particularidades da disposição prodigioza e harmonica desses grupos admiraveis, quer estudados collectivamente, quer desprendidos da acção que a anima com vigor, maestria e belleza marcial.

Sóbe de merecimento o quadro de Pedro Americo, porque iniciou-o a imaginação ardente e enthuziasta desse moço, pobre, sem protecção, e só alentado pelo amor do bello; talento precoce que de dia em dia medrava no seu cerebro incandescente, como cresce altivo e derrama sombra benefica o vetusto e copaco cedro das nossas formozas florestas.

Da intelligencia do nosso distincto artista, o Brazil auferirá vantagens de grande alcance no mundo das artes.

A mocidade que se levanta para receber as lições de Pedro Americo, seu distincto professor, e os bellos exemplos do seu amestrado pincel, dão cópia exuberante do que levado, e hão de demonstrar o merito real daquelle que tem na variedade das tintas de sua palheta o conjuncto dos mais bellos matizes que a arte exige, para revelar aos olhos dos seus amadores as esplendidas creações dos apostolos da religião do trabalho.

Entretanto, se a arte espargue flores em profusão, si tem a gloria para offerter a todos os que a cultivam, também derrama espinhos, agruras, e muitas vezes o horto e o osculo traicoeiro, que mata as mais candidas aspirações.

Descrição

A tela magnifica do Dr. Pedro Americo representa um dos episodios da batalha de Campo Grande. Tem seis metros de comprimento e quatro de largura.

As figuras do 1º plano são de tamanho natural, as do 2º de dous terços, e as que se acham no 3º e 4º plano diminuem gradualmente á proporção exigida pela perspectiva.

Do alto da tela rasga-se o vertice de uma piramide de figuras humanas, que vai terminar nas duas extremidades oppostas do 1º plano em que frei Fideles, o moribundo Aranca e o artilheiro paraguayo formam a sua base.

Devo notar que o angulo mais elevado do kepie do general em chefe é o vertice da referida pyramide.

OCTAVIANO HUDSON.

momento sentir o surdo estrondo de um colosso batendo na terra.

A peça inimiga destacada do lado direito do 1º plano, e que está suspensa por duas, enormes rodas tem na culatra duas ou tres móssas feitas sem duvida por nossas metralhas, e conserva-se assestada para um grupo de infantes que se lobriga no fundo do 2º plano do lado direito da tēla. Esta peça consta-me ter sido fundida em Ascurra e copiada de um original existente em um dos noosos arsenaes.

Sobre as falcas vê-se um artilheiro paraguayo semi-nú, sentado, descansando o pé direito sobre uma caixa de balas enquanto o esquerdo resvala procurando o terreno que lhe foge. Tem esse artilheiro em uma das mãos uma lanada enquanto a outra descansa sobre a culatra da peça. A expressão brutal, os cabellos hirsutos e grandes que em dezalinho cahem sobre as espaldas, attestam o soldado selvagem, jungido ás rodas do carro mortifero.

A peça está na acção de despejar a melralha; as densas camadas de fumo em torvelinho indicam que o selvagem artilheiro não abandonou o dezoito de dar a ultima de mão ao encargo de que em breve tem de ser despojado.

Abaixo deste, ainda no 1º plano e no angulo esquerdo da tēla, vê-se a cabeça de um morto, cuja expressão tetrica revella-se nas faces e labios entre-abertos, por entre os quaes despontam dentes alvissimos, porem cerrados; as contracções do rosto e a decomposição da phyzionomia são verdadeiramente significativas: a algidez da morte o o palôr da pelle, assim como os arcos cabellos da cabeça de um adiver'e a expressão lugubre de uma face humana em que já não existe a vida—ahi se acham pronunciados.

A contemplação desse objecto cauza-nos uma sensação desagradavel, ainda que mesclada de admiração pelo talento de Pedro Americo.

No 2º plano ha uma pequena minencia em que o brigadeiro edra, montado, luta com um official paraguayo de blusa verde e is ou oito braças de outro official migo que em plano mais proximo foge a cavallo brandindo a sua espada; entre este e o grupo montado por Pedra e seu adversário vê-se um paraguayo em acção esgarrear amachadinha sobre a cabeça de um soldado brasileiro; e que se amortece pela pressão cida pelas mãos do soldado que comprime a garganta a ponto azel-o deitar a lingua fóra dos os.

olhos excessivamente abertos, faces afogueadas desse paraguayo exprimem uma differença demais typos inimigos base sensível.

ruza-se o fogo sob a trindade avalleiros que fórma a principyramide. Fagulhas luminobentam em zig-zags e dellas

se desprende para a parte superior da tēla uma densa camada de espesso fumo envolvida pela poeira levantada da mole de cavalleiros e infantes que se acham desde o 1º até o 3º e 4º planos.

Este pallido reflexo e imperfeita descripção do conjuncta esthetico desse painel jámais poderão definir as bellezas contidas em cópia profuza e espalhadas por Pedro Americo em seu primoroso quadro.

As figuras a nú, em tamanho natural, são da arte do grande Rubens, os escolhos em que naufraga o pincel de muitos artistas nessa escola de pintura.

Semelhante estudo é de difficilima execução; é preciso conhecer o corpo humano desde os ossos que lhe servem de arcabouço até as camadas externas dos musculos e a epiderme que as cobre deixando transparecerem os tendrões e as veias; é necessario saber perfeitamente a phyziologia das paixões como a dezenha Balzac na sua Comedia da Vida Humana, para poder dar a cada individuo a expressão phyzionomica que requer a situação; e mais que tudo isso conhecer a alma humana, para idear com justeza o caracter moral que convém a cada personagem de um drama.

O pincel de nosso illustre artista embebeu-se cheio de vida e deixou em fundos e largos traços o quadro da « Batalha do Campo Grande » como se na realidade a vissemos reproduzida.

Que fará o governo ao autor de um trabalho que cobre de gloria a nação brasileira ?!!

Deixará em olvido, como em outras épocas o fizeram seus predecessores com outros trabalhos desse mesmo artista? Não creio! Entretanto esperemos.

Esse quadro deve ficar no paiz a exemplo do que fez o governo do Perú com a tēla da Morte de Atáulpa, e do que tem feito todos os governos illustrados quando se trata de questão de tal magnitude.

Os artistas do quilate de Pedro Americo devem ser remunerados, afim de não se lhes amortecer o enthusiasmo pelo amor do bello e dos trabalhos de transcendencia igual á do quadro do nosso joven pintor, que honra de sua cadeira a Academia das Bellas-Artes do Brazil, diffundem por entre discipulos e admiradores as luzes de sua esclarecida e vigorosa intelligencia.

Horacio Vernet, o celebre pintor de batalhas, era tão considerado em França, seus trabalhos tão almeçados, que os mais opulentos ricassos amadores de bellos quadros historicos, empenhavam-se para ter em seus salões um original do vigoroso pincel daquelle grande artista. Por semelhante acquirição elles não faziam questão de cifras.

Ora, se particulares não faziam questão, muito menos o governo francez, que sempre na vanguarda procurava dar a Horacio Vernet as mais significativas provas de con-

sideração ao seu arrojado talento.

Assim, espero, aconteça ao meu distincto compatriota para honra do paiz, que deve orgulhar-se de contal-o no numero de seus filhos.

OCTAVIANO HUDSON.

CHRONICA

Rio, 17 de Dezembro de 1881.

Installou-se na rua do Hospicio n. 184 uma sociedade dramatica particular, que denominou-se—Instrução Recreativa—, cujo fim é dar entre os seus socios uma recita em qualquer dos theatros desta cõrte todas as vezes que as circumstancias do seu cofre permittirem.

Os seus estatutos foram approvados por uma numeroza reunião de animados e esperançosos socios.

Temos, por isso, viva convicção de que es'a nascente sociedade muito em breve estará rivalizando com outras, pois que seus fundadores, que são todos jovens da época esclarecida pela luz, deixam ver o enthusiasmo de que estão possuidos; e essa luz, que é o—Progresso de todas as artes—, é tambem o balsamo que suaviza os soffrimentos moraes, fazendo esquecer os infortunios do passado e apparecer a intelligencia que as trevas da ignorancia até hoje tem occultado.

E' necessario que a mocidade no Brazil procure estes e outros passa-tempos para adoçar os amargores da vida, e que se desenvolvam os divertimentos para aquelles que, por suas circumstancias pecuniaras, não podem atravessar os mares para encontrar no estrangeiro tudo quanto no seu paiz podia encontrar se não fosse o indifferentismo e modo de encarar as artes. Queremos dizer com isso que, desgraçadamente, o rico que extrahê do seu paiz o dinheiro para esbanjar no estrangeiro, ignora muitas vezes que o seu ouro, antes de lhe chegar ás mãos, primeiro foi brunido pela do artista! O rico só de ouro, por conseguinte, vai para a Europa com os olhos vendados, e por isso só ouve o tinir do vagabundo metal que em breve desaparece! E o pobre artista, que é pobre só de ouro, e que só conduz aqui as provas de capacidade para aperfeiçoar-se no paiz estrangeiro, não leva nem pôde levar os seus olhos fechados porque só delles necessita para apreciar o bom. Finalmente, o artista do Brazil fóra do seu berço, não representa figura triste porque do seu paiz elle sahe com o seu papel estudado, isto é, vai preparado para admirar porque tem alguma luz que o faz admirar!...

Depois destas rudes palavras não podemos dezejar á sociedade dramatica particular—Instrução Recreativa—senão feliz prosperidade e forças para sustentar a roda do infortunio quando ella queira desandar; e á sua activa e intelligente directoria dirigimos as nossas saudações.

LITTERATURA

O BEDUINO.

Eu vivo como cibarita errante,
Que vive triste de seu lar distante
Sem crenças n'alma!
Se durmo o espectro só me aponta escolhos,
Se vélo sinto nos paús medonhos
Fugir-me a calma!

E sempre embalde tua vóz—caminha—
Escuto no marasmo que se aninha
A minha dôr.

E sempre a caminhar, que triste lenda
Sem ver ao menos no dezerto a tenda
Que me apontas, Senhor!

E onde achal-a-hei, se além respondem
Nos negrumes das trevas que os escondem
Bastardos filhos teus!

O mundo é meu—seguir é teu destino,
Caminha,—não tem patria o peregrino,
Não és filho de Deus!

Então em vão lamento, em vão te grito,
Embora suba ao tópo do granito
E' surdo o écho meu.

Perdido nas nomadas do dezerto
Quando o—simon—me arraste massilento
Sinto o escarneo seu!

Mas eu caminharei, espectro errante,
A lutar nessas trevas que me destes
Até cahir!

Até que um dia, exausto da jornada
Caia tombando á força da rajada
Para dormir.

Então sim, minha lyra polluida
Empunharei—no mundo éra perdida
Só tinha dôr;

E n'ella um canto altivo de magia
Dar-te-hei do—sinai—na penedia
Solitario cantor!

Por E. T. P. M.

Rio de Janeiro, 25 de Novembro de 1871.

AVISO ÁS PROVINCIAS

Para facilitar a circulação deste periodico nas provincias a redacção recebe assignaturas em carta fechada dirigida pelo correio á rua Nova do Ouvidor n. 20.

TYP. RUA NOVA DO OUVIDOR N. 20.

Dentro desta e fóra, outros grupos, outros objectos também recebem em sentido identico essa mesma disposição pyramidal.

A' frente de uma phalange de soldados que desponta do lado esquerdo do quadro, no 3º plano, o general em chefe, de espada em punho e montado em um soberbo e elegante cavallo ruço—como melhor não ideára o grande mestre da litteratura brasileira, Jozé de Alencar—, está na acção de precipitar-se contra as baterias paraguayas, onde o movimento da peleja e o furor da metralha espalham o terror e a morte.

A elegancia desse cavallo, a musculatura apresentada atravez das camadas de suor copioso, que o banha litteralmente, as crinas que voam desordenadas, porém graciosamente, sobre o pescoço, o fogo que irradia de seu olhar e das narinas offegantes, tudo revela na figura desse brioso animal, correcção, naturalidade e gosto, empregados para dar-lhe a animação, agilidade e belleza que apresenta.

Mão possante o sopêa pela barbellavada em grossos fios de glutinoza baba. E' a mão do capitão Almeida Castro, que montado em magnifico corsel pampa, de cujos olhos desferem-se scentelhas, e com as narinas abertas e excessivamente dilatadas, com as patas suspensas pelo ardor da labareda, se precipita convulso de espanto, servindo de obstaculo á marcha do cavallo do general.

Pujante é a força desse capitão; seu semblante revela coragem febril; os cabellos desordenados, o olhar firme e supplicante, o supercilio negro e carregado, e a posição tomada sobre o corsel, tudo atesta o arrojado intento de obstar a marcha do general.

Tambem pelo flanco direito deste, o coronel de engenheiro Galvão, de espada em punho, n'um cavallo elegante, suspenso pela acção do galope, com a mão esquerda aberta, como que implora ao general que não prosiga no seu temerario e arriscado commettimento.

No angulo esquerdo do primeiro plano expira nos braços de frei Fideles o capitão, o infortunado Arouca. Tanto a physionomia do frade como a do agonizante, são de uma magestade divina.

Uma na morte, outra na sua missão evangelica; a do ministro de Deus demonstra a uncção de seu humanitario magisterio; de seus labios parece desprender-se uma prece, seus olhos limpídos e puros elevam-se para os céos em contemplação mystica e fervorosa.

A lagrima da morte róla da palpebra humedecida que treme luzente na face pallida de Arouca!... sua mão debil parece affagar o peito doloroso, como querendo comprimir o coração com a vida que se esvae, enquanto do outro braço ainda pende pelo fiador a espada que tanto honrara e servira á patria!

Distante do pé desse religioso

arde o morrao que lhe illumina a sandalia e um espiral desprende azulado e vaporoso fumo.

Si esse morrao não representa o espirito de Arouca em demanda do seio immenso do Creador, serve-lhe necessariamente de tocha mortuaria.

No mesmo plano, em que um dos braços do Juquery, turbado pelos estilhaços de balas—que fazem em um e outro ponto apresentar o aspecto da ebullicão, uma mochila, dous pés de um morto, apparecem á superficie; além de uma caixa de guerra inimiga perfurada provavelmente pela metralha dos nossos canhões,

Entre o espaço que medeia da barriga do cavallo do coronel Galvão á macega incendiada está um paraguayao cahido; com o braço direito sobre a cabeça defendendo-a do pezo do cavallo e das esporas do cavalleiro, debaixo de que se acha e que parece despenhar-se sobre elle, enquanto o esquerdo procura assento no leito revoltado do arroio, cujas aguas lodozas espadam para os lados como se terrível granada tivesse feito explosão por entre os vigorosos dedos do barbaço.

O braço direito a que nos referimos, rasgado em duas ou tres partes, apresenta por entre as estrias feitas, talvez, pelas esporas desse cavalleiro—o coronel Galvão—os brancos tecidos ainda tinctos de sangue!

A ferocidade do bronzeado semblante desse paraguayao semi-nú, a contracção dolorosa das faces, o olhar torvo, a boca semi-aberta, os cabellos espalhados sobre a fronte: desde o thorax até o abdomen as rugas que as carnes apresentam provocadas pela posição contrafeita em que elle se acha; a musculatura do tronco, braços e pernas, não se póde descrever, são estudos de assombroza perfeição para o olhar de qualquer investigador. Prezo á cintura tem este selvagem uma cartucheira além de uma guampa (chifre) que á tiracolo lhe pende do lado esquerdo. Salta-lhe do collo um bentiinho ainda tincto de sangue; symbolo da profanação do Codigoda Crucificado!

Por traz desse selvagem vê-se quazi por terra uma bandeira paraguayana rota e manchada de sangue, que parece vir desprendida das mãos de um soldado paraguayano, que, no 3º plano, está em acção de cahir provavelmente pelo choque de um grupo de infantes que sobre si vêm sedentos de victoria e precedidos do capitão de fragata Salgado, majores Taunay, Moraes, Almeida Torres na retaguarda do general, e Guedes que está por traz da bandeira brasileira em acção de embocar o clarim.

Cumpre observar que estes officiaes e infantes acham-se na retaguarda do general em chefe, por entre os quaes desfraldam-se a bandeira brasileira e flamulas, assim como erriçam-se pontas de bayonetas que se perdem gradualmente abaixo do angulo superior

do lado esquerdo da téla; sobre suas cabeças vê-se á curta distancia passar uma bomba ou granada, cuja trajectoria fica deenhada no espaço pelo fumo tenue da mecha coruscante.

Em pleno primeiro plano, e juncto ao cavallo morto, um soldado de caçadores brasileiro, com o joelho em terra, faz pontaria sobre o artilheiro paraguayano. O couce da arma occulta-lhe parte da face; mas vê-se que tem olhar fixo na mira da arma que empunha; a espingarda em questão destaca-se da téla, cheia de relevo de uma á outra extremidade.

A farda desse fuzileiro, o corpo que se deencha por baixo das vestes, a postura dos vigorosos braços, a heroica energia de que parece possuido nesse momento solemne, as admiraveis harmonias de colorido e o jogo meditado do claro escuro como que é concebido, mostra ser o autor grande artista e consumado observador da natureza.

O reflexo, ou para melhor dizer a sua lamina, brilha como se recebesse raios solares, além do gume que se destaca ao ponto da mais completa illusão.

O bonet desse soldado, é de uma perfeição extraordinaria; a farda é puro panno, a bolsa de couro curtido, que traz a tiracolo, tem a face superior coberta de cabellos e manchas brancas de uma verdade incontestavel. Aos pés desse soldado acha-se em escorso um magnifico cavallo morto, arreado de lombilho sobre o qual está enrolado um capote encarnado.

Não sei qual critico, qual exigente apostolo do realismo aventureu-se a' notar no quadro que analyzamos uma pretendida falta de estudo natural: quanto é falsa e infundada essa injustissima esprobação! Em que concepção de grande mestre existe mais verdade, uma expressão mais evidente das manifestações essenciaes da natureza, do que na face desbotada de Arouca, nos olhos limpídos e formozos do capuchinho, no semblante torvo e feroz dos paraguayos, no contraste que rezulta da differença dos typos brasileiros e inimigos, no admiravel modelado desses corpos humanos, organismos variadissimos e complexos; e finalmente na pintura dos cavallos, cuja complicadissima anatomia requer estudos especiaes?!

A arte é uma interpretação racional e não uma imitação servil da natureza. Conforme com a theoria que ensina publicamente no seu curso de Esthetica, Pedro Aniceto não vai á pesquisa de pequenas manifestações da vida para attingir o ideal que almeja; mas de todas ellas escolhe as mais expressivas, as mais eloquentes, e longe de as copiar servilmente, o eminente artista corrige-as, quer aformozeando como no semblante de Arouca, quer accentuando os traços geraes característicos, como nas figuras dos robustos soldados do dictador tyranno, e ainda no expressivo arcabouço do cadaver

do cavallo a que ácima nos alludimos.

Pintada em um palmo quadrado de téla a cabeça desse animal apresenta ao expectador a extensão real de dous palmos e meio e sendo a superficie da téla vertical, mostra-a no entretanto completamente horizontal em angulo recto ao pescoço. Olhada, porém, quer de um lado quer de outro, parece mover-se e seguir a direcção do espectador, tão correctas são as linhas de sua perspectiva.

O olho desse cavallo apresenta o pallido vidrado da morte que lhe empaneja o brilho; perfeito contraste do olhar chammejante dos cavallos já descriptos do grupo principal.

Aquelle animal morto no meio dos derrotados inimigos symboliza, talvez, a força bruta, vencida, abatida e morta da paraguay grey.

Junto á referida figura está mergulhada no arroio que corre no mesmo plano parte da lamina de uma espada, cujo brilho scintillante nada deixa a dezejar.

A' esquerda do artilheiro dous athleticos paraguayos juntos ás rodas da peça estão cahidos: um delles, com o braço direito erguido sobre a cabeça arroja ao fuzileiro já descripto um conto de lança partida, unica arma que lhe resta. O miseravel despedido talvez á força do hospital em que o lançaram ferimentos anteriores, tem a cabeça enfachada por um lenço repassado de sangue coagulado e o terror pintado no semblante descorado.

O outro, porém, que se acha no plano do arroio em que está o cavallo morto, e que tomba mortalmente ferido, comprime com a mão direita o parietal esquerdo em que recebera um golpe fatal.

Por entre seus vigorosos dedos escoam-se vivos e grossos filetes de sangue ainda quente; sangue que vai arrear-lhe o collo qual verme-lho collar. Na posição em que se conserva mostra não só a omoplata nua, como a musculatura do setitanico braço e toda a transparencia da epiderme brozeada; não só pelos ardentes raios do sol, mas ainda por força de sua propria natureza.

O escorso que apresenta a perna desse paraguayano erguida pelo quédado do corpo é digno, a meu ver, de ser apresentado como modelo para qualquer academia.

A bolsa de couro cru, que se vê ao lado, destoando completamente da fórma aperfeiçoada das nossas, revella ainda o atraz da manufactura paraguayana.

Tem esse soldado prestes a ferir-lhe sobre o peito um bacamarte, cuja bocca tem voltada para o peito do cavallo morto: arma á qual vel que voou-lhe das mãos no momento em que grossa metralha dos ferir-lhe a cabeça.

Contemplando essa figura o espirito quazi que sente a commoção produzida pela quédado real do corpo humano, e o ouvido adveza pelos olhos como que espera a